

## RELIGIÃO NEOPENTECOSTAL: o desafio da convivência na diferença

*NEOPENTECOSTAL RELIGION:  
the challenge of coexistence in the difference*

Geraldo José de Oliveira \*

### Resumo

O propósito deste artigo é discutir sobre a efervescência do fenômeno religioso, especialmente das igrejas cristãs de tendência neopentecostal, sobretudo, a Igreja Universal do Reino de Deus, o fundamentalismo no trato com o texto sagrado e as suas dificuldades em conviver com as demais convicções religiosas, notadamente as de matriz africana, kardecista e católica. A metodologia utilizada foi o método dedutivo desenvolvido através da pesquisa bibliográfica sobre doutrinas pertinentes ao tema, de artigos de periódicos, livros, capítulos de livros e informações em meio eletrônico. Os resultados apontam que Religião não comporta conflitos, guerras e nem mortes, porque tais atitudes contradizem o próprio conceito de crença que, antes de mais nada, visa à ligação, ou religação do homem com o transcendente. Na concepção das religiões, sobretudo as cristãs, ou, as de raízes cristãs, de Deus emana sempre a ideia de amor e paz entre os homens.

**Palavras-chave:** Efervescência Religiosa. Pentecostalismo. Fundamentalismo. Pluralismo religioso. Convivência na diferença.

### Abstract

*The purpose of this article is to discuss the effervescence of the religious phenomenon especially of the neopentecostal Christian churches, especially Universal Church of the kingdom of God, fundamentalism in dealing with the sacred text and their difficulties in living with other religious convictions, especially those of African matrix, Kardecist and catholic. The methodology used was the deductive method developed through the bibliographical research on doctrines pertinent to the subject in articles of periodicals, books, chapters of books and information from electronic means. Results demonstrated that Religion does not involve conflicts, wars or even deaths because such attitudes contradict the very concept of belief that above all aims at the connection or reconnection of man with the transcendent. In religions' conceptions, specifically the Christian ones, or of Christian roots, from God always emanates the idea of love and peace among men.*

**Keywords:** Religious Effervescence. Pentecostalism. Fundamentalism. Religious pluralism. Living together in difference.

## 1 INTRODUÇÃO

O homem ao externar as suas crenças ou *religare* com o Ser no qual deposita sua confiança, deixa fluir do seu interior múltiplos e distintos traços culturais. Apesar de distintos convergem para um único caminho que seria consumir a sua sede de respostas as suas questões existenciais mais absconditas. As pesquisas antropológicas sinalizam que as

---

\* Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pela mesma instituição tem graduação e especialização em Filosofia. E-mail: geraldojosed@yahoo.com.br

variedades de ritos e doutrinas não podem ser medidas em termos valorativos, mas compreendidas em sua grandeza de sentido que aportam para os que nela partilham. E ademais, o que as diversas crenças externam não são parâmetros únicos para compreensão do homem como ser religioso.

Para harmonizar com essas ideias, ressaltamos a advertência proposta por Boff (2017) sobre o cuidado nas críticas e no discorrer sobre o fenômeno religioso. Apesar da modernidade decretar a sua morte, a busca do sentido último para existência não esvaneceu no coração do homem, confirmado inclusive pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), e pelos destaques apontados por Geffré (2005) em várias partes da América, África e Ásia.

No intuito de compreender a origem do movimento pentecostal, os motivos de seu crescimento no Brasil, ritos e formas cultuais, destacamos as contribuições de Antoniazzi (2004), Galindo (1995), Oro (1996) e Prandi (1996). Não obstante as diferenças desses autores no que tange as razões do crescimento do pentecostalismo, há uma unanimidade entre eles quanto ao aspecto socioeconômico dos integrantes dessas igrejas.

Por fim evidenciamos o fundamentalismo dentre os segmentos pentecostais, e suas dificuldades para dialogar e conviver com as diferentes convicções religiosas, principalmente as de origem africana.

Para isso, iniciamos propriamente uma reflexão sobre o crescimento de múltiplas convicções religiosas na atualidade, o que denominamos de efervescência religiosa, e a compreensão do fenômeno religioso, como elemento universal e que transcende as diferentes culturas e indistinto ao seu estágio de avanço tecnológico.

## **2 EFERVESCÊNCIA RELIGIOSA NA ATUALIDADE**

As pesquisas antropológicas assinalam que a religião é um fenômeno universal, presente e enraizado nas diversas culturas, produzindo formas *sui generis*, e variadas do homem relacionar com o sagrado. Malinowski (1988) ressalta que não existem povos sem magia e sem religião. “Em estudos sérios produzidos por observadores competentes sempre se detectou a presença do domínio do sagrado e do profano” (MALINOWSKI, 1988, p. 19).

O ser humano, diante de situações limites e dos desafios que a vida lhe proporciona, procurou construir estratégias para sua superação tanto em nível simbólico quanto material por meio das crenças, ritos, celebrações e doutrinas. Este conjunto de elementos

culturais construídos pelo homem ao longo da história constitui o seu patrimônio cultural, sendo diverso em razão da disparidade das sociedades humanas. Pela cultura o homem constrói a sua identidade e se diferencia dos demais. (CECCHETTI, 2012).

Na Carta Encíclica sobre as relações entre fé e razão, *Fides et ratio*, João Paulo II ressalta que a busca do sentido da existência caracterizou as diversas culturas.

[...] basta um simples olhar pela história antiga para ver com toda a clareza como surgiram simultaneamente, em diversas partes da terra animadas por culturas diferentes, as questões fundamentais que caracterizam o percurso da existência humana: quem sou eu? De onde venho e para onde vou? Por que existe o mal? O que existirá depois desta vida? (IGREJA CATÓLICA, 1998, p. 6).

As inquietações sobre o sentido da existência, o problema do mal e os rumos para onde direciona a sua vida, ainda eclodem fortemente no coração do homem na atualidade, pois, presencia-se no final do século XX, e no despontar do XXI, uma revitalização do fenômeno religioso, apesar das críticas ferrenhas à religião deflagradas por pensadores como Marx, Nietzsche, Freud e outros. As pesquisas no campo das ciências sociais têm apontado que a efervescência religiosa, não se configura somente nos limites do território brasileiro, mas que alcança outros países como Estados Unidos e nações latino-americanas, e os continentes africano e asiático, representado pelo crescimento do islã e as múltiplas versões do cristianismo, identificado principalmente pelas diversas correntes denominadas pentecostais. (GEFFRÉ, 2005). A Europa ocidental, não obstante, tem o seu passado histórico marcadamente cristão católico, e muito embora convive hodiernamente com o ateísmo, assiste-se em seu território a presença de imigrantes que levam consigo as suas vivências e crenças religiosas.

Boff (2017) adverte que os críticos da religião equivocaram ao restringir a dimensão religiosa unicamente ao aspecto racional. A busca do sagrado apesar de comportar a racionalidade no sentido de compreender a sua dinâmica e estruturação cultural - pois a religião se caracteriza pelo sujeito que se sente atraído emotivamente e entra em estado de adoração, ao sentir-se frágil e desprovida de qualquer pretensão de superioridade, e em consequência origina-se os diferentes traços culturais como ritos, doutrinas, cânticos e outros - ela demanda algo que escapa a racionalidade porque tem como fonte o coração humano. Compreender o *homo religiosus*, apenas pelas formas que exteriorizam nas culturas, como fizeram os estudiosos até então, redundaram numa estrita limitação. O lugar da religião não está somente na razão, mas no sentimento oceânico, na inteligência

cordial onde irrompem as utopias salvadoras. (BOFF, 2017).

Crer em Deus não é pensar Deus mas sentir Deus a partir da totalidade de nosso ser. A religião é a voz de uma consciência que se recusa a aceitar o mundo tal qual é, sim-bólico e dia-bólico. Ela se propõe transcendê-lo, projetando visões de um novo céu e uma nova Terra e de utopias que rasgam horizontes ainda não vislumbrados. (BOFF, 2017, p. 1).

O homem cansado de tanto materialismo, consumismo, niilismo e de utopias fadadas ao fracasso, buscam uma porta aberta ou um frescor, onde possa depositar sua esperança e confiança. Os entraves são as respostas propostas pelas crenças institucionalizadas que não conseguem compreender a dimensão do sentido da busca, e o submete as manipulações e as ideologias a serviço de interesses escusos.

O IBGE (2010) assinala que tem ocorrido uma expansão de diversos grupos religiosos, principalmente de tendência pentecostal e uma redução da religião católica e protestante histórica, exceto aquela que adotou as práticas carismáticas ou renovadas ao estilo pentecostal.

### **3 ORIGEM DO PENTECOSTALISMO, CARACTERÍSTICAS E OS MOTIVOS DE SUA EXPANSÃO NO BRASIL**

Apesar de ter ocorrido outras manifestações do tipo pentecostal outros séculos da história, o pentecostalismo surgiu nos primeiros anos do século XX, a partir de 1901, em diferentes pontos dos EUA. A primeira manifestação ocorreu na cidade de Topeka, estado do Kansas, mas o que produziu notoriedade e o tornou internacional foi o Avivamento da rua Azusa, em Los Angeles, 1906. A liderança do pastor negro William Seymour, e a participação de pessoas de diversas etnias contribuiu para a rápida difusão nos EUA, e nos demais países, e no Brasil chega quatro anos depois, em 1910. Em pouco tempo, no entanto, a cidade de Chicago tornou-se também um grande centro do movimento pentecostal. (CAMPOS, 2005).

Essa nova versão do cristianismo pouco interessado em doutrina, mas centrada no emocionalismo, serviu de amparo para os primeiros adeptos, dentre os quais hispânicos, agricultores, operários, negros pobres e iletrados, não apenas para suportar, mas para resistir a vida sofrida a margem da sociedade e reforçar a ética da solidariedade e da obediência as autoridades. (GALINDO, 1995).

Os pioneiros pregadores pentecostais aportaram no Brasil entre 1910 e 1911,

provenientes de Chicago, Estados Unidos. O ítalo-americano Luiz Francescon (1866 -1964) iniciou suas atividades religiosas na colônia italiana em São Paulo e no Paraná, e os suecos Daniel Berg (1884 – 1963) e Adolph Vingren (1879 – 1933), ambos imigrantes nos EUA, radicaram no norte e nordeste do Brasil.

Para efeito de compreensão histórica e didática, as fases do pentecostalismo no Brasil são divididas em três períodos ou ondas. A primeira considerada clássica é representada pela congregação Cristã no Brasil fundada em 1910, e que se destacou pelo trabalho na região sul, Paraná, e na região sudeste na colônia italiana, em São Paulo. A Assembleia de Deus, criada em 1911, por outro lado, marcou presença na região nordeste do Brasil, com um trabalho missionário, sobretudo, entre os seringueiros que retornavam aos milhares da região amazônica.

A segunda onda vincula-se entre os anos 40 e 50, onde o pentecostalismo torna-se mais urbano, com o surgimento das igrejas, como a do Evangelho Quadrangular em 1927; Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo em 1955, por Manoel de Mello e Silva, trabalhador da construção civil, e mais tarde, o surgimento da Igreja Deus é Amor fundada em 1962, pelo Pastor David Miranda com sede em São Paulo.

A terceira onda ocorre nos anos 70, com o surgimento das igrejas, Universal do Reino Deus em 1977 no Rio de Janeiro, por Edir Macedo; Mundial do Poder de Deus em 1998 pelo Waldemiro Santiago, dissidente da Universal do Reino de Deus, em Sorocaba, São Paulo; e a Igreja Internacional da Graça de Deus em 1980, por Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido por missionário RR Soares. (MATTOS, 2010).

As denominações religiosas de tendência pentecostal, indiferente de suas origens e do contexto histórico, mantem-se entre elas traços considerados comuns como: crença no Espírito Santo, no dom da cura, glossolalia (falar em línguas), negação do mundo, interpretação a-histórica da Bíblia, estímulo a prática religiosa individual, exclusão da atividade social e política, e a adoção de um moralismo religioso. (GALINDO, 1995).

Essas igrejas de perfil pentecostal alteram o quadro sociológico religioso no Brasil, somente a partir da década de 1940, conforme ressalta Prandi (2004). Antes, não obstante a presença de outras crenças religiosas como indígenas, luteranas, e os ritos africanos como candomblé e umbanda - apesar desses últimos serem submetidos a um processo de perseguição, devido a sua origem negra e de escravo - essas crenças não interferiram no domínio do catolicismo no Brasil. Conforme a Tabela 1, até 1940 o catolicismo representava 95,2% da população brasileira, e na década de 1990 chegou a 83,0%% da

população. Entre 1980 e 2000 a diminuição foi progressiva, passando de 89,2% para 73,8%. O último censo de 2010 revela que o número de católicos representa hoje 65,0% da população.

**Tabela 1 – Religiões do Brasil de 1940 a 2000, em porcentagem**

| 100,0%           |        |        |        |        |        |        |        |
|------------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| Religião         | 1940   | 1950   | 1960   | 1970   | 1980   | 1990   | 2000   |
| Católicos        | 95,2   | 93,7   | 93,1   | 91,1   | 89,2   | 83,3   | 73,8   |
| Evangélicos      | 2,6    | 3,4    | 4,0    | 5,8    | 6,6    | 9,0    | 15,4   |
| Outras Religiões | 1,9    | 2,4    | 2,4    | 2,3    | 2,5    | 2,9    | 3,5    |
| Sem religião     | 0,2    | 0,5    | 0,5    | 0,8    | 1,6    | 4,8    | 7,3    |
| <b>TOTAL (*)</b> | 100,0% | 100,0% | 100,0% | 100,0% | 100,0% | 100,0% | 100,0% |

\*Não inclui religião não declarada e não determinada.

Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, apud PRANDI, 2004, p. 20).

Diversos motivos são apontados como razões da expansão do pentecostalismo no Brasil. Antoniazzi (2004) assegura que o crescimento desses diversos grupos religiosos não pode ser explicado somente pelas mudanças culturais de caráter geral como o hedonismo, relativismo, secularização ou a própria modernização da sociedade. É um fenômeno que afeta as igrejas de modo geral, e que pode ser explicado também pela migração, em que as pessoas ao se deslocar para outras regiões, como as áreas urbanas, perdem o contato com sua religião de origem. No mundo urbano industrializado, agnóstico e profano, onde os contatos são secundários e superficiais, essas religiões passam a ser a porta de afirmação das identidades. Prandi (1996a) destaca que pode parecer um contrassenso, os deuses com suas igrejas e ritos que no meio urbano foram deserdados servem de referência para os migrantes e pobres marginalizados.

A expansão das religiões pentecostais é resultado do processo de secularização das sociedades modernas e ao racionalismo das religiões cristãs, principalmente o catolicismo. (PRANDI, 1996a). Esse modo de construção social em que os elementos simbólicos são racionais, burocratizados e dessacralizados é próprio da civilização ocidental moderna

capitalista, conhecido no sentido weberiano como desencantamento do mundo. Significa que os homens, em seus negócios, atividades profissionais, na organização pública do Estado, nos meios de comunicação e escolas, podem prescindir do apelo ao sobrenatural. O que vale é seguir os ditames da razão para assegurar competência profissional, competitividade no mercado, autossuficiência e visibilidade social.

O processo de racionalização no cristianismo tem a sua origem na reforma protestante, e especificamente no catolicismo se acentua no pós-Concílio Vaticano II e nas Conferências na América Latina de Medellín e Puebla. Nessas conferências, a igreja redireciona o seu papel na história, transformando suas práticas religiosas, e assume posturas políticas que incidem em suas ações pastorais. As legiões de pobres e marginalizados, sem o apoio das religiões tradicionais (catolicismo) e sem se identificar com as novas práticas e vivências cristãs, buscaram apoio nos grupos pentecostais, no catolicismo renovado e nas religiões afro-brasileiras que, em seus ritos e discursos, estimulam uma experiência mágica da fé. Nas grandes e pequenas cidades é crescente o número de conversões a esses diferentes grupos religiosos.

[...] essas religiões que se firmaram em concepções tradicionais da relação com o sobrenatural, e que são correntemente consideradas próprias de sociedades mais tradicionais, quase pré-capitalistas, vem conquistando legiões e legiões de seguidores [...] principalmente nas regiões e cidades mais desenvolvidas do país. (PRANDI, 1996a, p. 23).

Desde a década de 1980 tem-se presenciado o aumento das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais no Brasil. Esse crescimento decorre do proselitismo e do tipo de publicidade dessas igrejas. Na década de 80 era cerca de 3,2% da população, entre 1991 a 2001 chega a taxa de 10,4%, e em 2010 chega a 13,3% da população nacional. Como visto, a taxa de crescimento dos pentecostais mais que dobra a cada década, chegando entre 1991 a 2001, superando a média da população nacional que cresce apenas cerca de 2%. Outro dado importante da tabela 2 abaixo, é o aumento dos sem religião, que chega à marca de 8%. Conforme Jacob *at al* (2013) a declaração sem religião parece ser menos uma afirmação de crença, mas acima de tudo um estado de desfiliação religiosa.

As igrejas pentecostais que tiveram um forte crescimento nesse período, entre 1980 até 2010, foram:

- a. Assembleia de Deus (AD) 1911;
- b. Congregação Cristã no Brasil (CCB) 1910;
- c. Universal do Reino de Deus (IURD) 1977;

- d. Evangelho Quadrangular (IEQ) 1927;
- e. Deus é Amor (DA)1962;
- f. Igreja Maranata (IM) 1968.

**Tabela 2 – População total e grupos religiosos no Brasil**

| Anos | População total | Católicos   | Evangélicos de missão | Evangélicos pentecostais | Evangélicos não determinados | Outros    | Sem religião |
|------|-----------------|-------------|-----------------------|--------------------------|------------------------------|-----------|--------------|
| 1980 | 119 009 778     | 105 860 063 | 4 022 330             | 3 863 320                | X                            | 3 310 980 | 1 953 085    |
|      |                 | 89,0        | 3,4                   | 3,2                      | 2,8                          | 1,6       |              |
| 1981 | 146 815 795     | 122 366 890 | 4 388 311             | 8 179 666                | 589 459                      | 4 345 432 | 6 946 237    |
|      |                 | 83,3        | 3,0                   | 5,6                      | 0,4                          | 3,0       | 4,7          |
| 2000 | 169 872 856     | 124 980 132 | 6 939 765             | 17 617 307               | 581 383                      | 7 261 866 | 12 492 403   |
|      |                 | 73,6        | 4,1                   | 10,4                     | 0,3                          | 4,3       | 7,4          |
| 2010 | 190 755 799     | 123 972 524 | 7 686 827             | 25 370 484               | 9 216 129                    | 9 172 325 | 15 335 510   |
|      |                 | 65,0        | 4,0                   | 13,3                     | 4,8                          | 4,8       | 8,0          |

Fonte: (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, apud JACOB *et al.* 2013, p. 10).

O que caracteriza o pentecostalismo de acordo com Prandi (1996b) são as multiplicidades de denominações e as diversificações doutrinárias e de rituais, gerando com isso uma diluição de suas especificidades éticas e teológicas originais. Inúmeras são as pessoas, principalmente os menos favorecidos economicamente, que aderem a essas doutrinas em vista da promessa de mudanças em suas realidades socioeconômicas, libertação de vícios, problemas conjugais ou cura de doenças consideradas pela medicina convencional como casos insolúveis.

Numa pesquisa realizada na cidade de São Paulo sobre filiação religiosa, citada por Prandi (2004), existem diferentes razões para explicar a conversão religiosa, que vão desde problemas espirituais e de identidades, a milagres e cura de doenças, abandono de vícios, dificuldades financeiras, entre outras.

A palavra conversão, ou *μετάνοια* em grego, que na sua origem significa mudança espiritual ou de mentalidade, para aqueles que encontram respostas transcendentais para as suas inquietações de vida ou limites impostos por ela, como a morte, por exemplo, perdeu para essas denominações pentecostais inteiramente o sentido. Os crentes diante das inúmeras igrejas e das diferentes soluções pregadas transitam entre elas em busca de respostas para seus problemas imediatos e específicos, sem implicar, contudo, uma mudança radical de vida. A religião para o fiel não representa adesão e permanência. Aliás, a permanência depende do que se recebe em troca.

Os neopentecostais, apresentam algumas peculiaridades que os diferenciam dos demais. Os fundadores são líderes carismáticos que desfrutam de grande prestígio e dons especiais reconhecidos pelos seus seguidores. No intuito de expandir e multiplicar as igrejas se dedicam às viagens com objetivos pastorais e exercem um controle rígido doutrinário, administrativo e financeiro sobre as igrejas. Os seus familiares também são objetos de deferência e admiração pelos fiéis, por isso figuram em cartazes, capas de CDs e livros. (ORO, 1996).

Os seguidores rompem com o estereótipo do crente tradicional, reconhecido no homem pela bíblia debaixo do braço, paletó e gravata, e na mulher, roupas sóbrias, cabelos compridos e sem ornamento. Se por um lado o crente tradicional exigia a rejeição total do mundo de prazeres, diversões, paixões e vícios como condição para a salvação, devendo ter uma força moral para seguir os ensinamentos provenientes de uma leitura fundamentalista da bíblia, por outro lado os neopentecostais são mais liberais, sobretudo os mais recentes. Eles adotam o uso de instrumentos musicais eletrônicos, como guitarras e baterias durante os rituais, e passam uma imagem liberalizante no que toca aos padrões estéticos. Conforme Edir Macedo, fundador da Igreja Universal, o fiel não deve se preocupar com os usos e costumes tradicionais, mas em combater o demônio. (MARIANO apud ORO, 1996).

Outro traço próprio das igrejas neopentecostais, conforme ressalta oro (1996), é que elas estão organizadas dentro de um estilo empresarial, com uma organização administrativa hierárquica e divisão social do trabalho religioso. Os bens e serviços da igreja são adquiridos no mercado mediante pagamento, havendo uma relação concorrencial com outras igrejas. Os recursos financeiros são conseguidos por meio de doações dos fiéis (dízimo), que são feitos mensalmente. O dízimo é considerado um preceito sagrado descrito na Bíblia em Deuteronômio (Dt 14, 22), Malaquias (Ml 3,8-10) e em Lucas (Lc 6,38). Portanto, é irrecusável porque o que se faz é devolver a Deus a parte que lhe cabe.

Assim sendo, recusar-se a pagar o dízimo equivale a descumprir uma obrigação fundamental que faz a diferença entre um “convertido” e os membros de outras religiões. Aliás, por estar referido na Bíblia, os pregadores vão insistir que o dízimo não é pago, mas dado, ao mesmo tempo em que se valem do respaldo bíblico para fundamentar a licitude de sua solicitação. (ORO, 1996, p. 72).

Outra forma de arrecadação são as campanhas ou correntes, muito usadas pela igreja Universal, como a corrente da prosperidade, da saúde, a terapia do amor; ou então pela igreja Deus é Amor, a Campanha da Bênção da Vitória. Nas campanhas são “distribuídos” a água que cura, o sal que liberta dos vícios, o óleo que unge e purifica, a rosa que afasta o mau-olhado, a aliança que une e assim por diante. Oro (1996) destaca que além das campanhas ocorre a distribuição dos bens simbólicos, como sabonetes, óleo, shampoos, lenços, chaves, sal e outros, que são “gratuitos”, mas ao receber os fiéis devem contribuir voluntariamente com a quantia que julgar válida, como uma retribuição.

Para estreitar a relação do fiel com a igreja e despertar no não crente a eficácia das curas e ao mesmo tempo fortalecer financeiramente a igreja, os pastores fazem usos dos meios televisivos onde apresentam depoimentos de pessoas que supostamente afirmam que foram curadas ou libertadas de problemas financeiros ou vícios.

O pentecostalismo mostrou grande habilidade em ajudar as pessoas que mais sofreram as consequências da industrialização a encontrar um novo meio de vida dentro ou a margem da sociedade circundante, porque, de um lado, fomenta o sentido de vida e a solidariedade, e de outro, inculca uma ética da sobriedade, trabalho duro e obediência as autoridades, qualidades ideais do proletariado nas sociedades modernas. (HOLLENWEGER apud GALINDO 1994, p. 92).

Conforme expresso na tabela 3, entre 1991 a 2000, a IURD teve um crescimento vertiginoso, chegando ao segundo lugar entre as neopentecostais, com uma taxa de 11,9%.

**Tabela 3 - Número de fiéis das principais igrejas pentecostais**

| <b>Igrejas pentecostais</b>  | <b>1991</b>      | <b>1991%</b> | <b>2000</b>       | <b>2000%</b> | <b>2010</b>       | <b>2010%</b> |
|------------------------------|------------------|--------------|-------------------|--------------|-------------------|--------------|
| Assembleia de Deus           | 2 439 770        | 29,8         | 8 418 154         | 47,5         | 12 314 410        | 48,5         |
| Congregação Cristã do Brasil | 1 635 985        | 20,0         | 2 489 079         | 14,0         | 2 289 634         | 9,0          |
| Universal do Reino de Deus   | 268 955          | 3,3          | 2 101 884         | 11,9         | 1 873 243         | 7,4          |
| Evangelho Quadrangular       | 303 267          | 3,7          | 1 318 812         | 7,4          | 1 808 389         | 7,1          |
| Deus é Amor                  | 169 343          | 2,1          | 774 827           | 4,4          | 845 383           | 3,3          |
| Maranata                     | 64 578           | 0,8          | 277 352           | 1,6          | 356 021           | 1,4          |
| Outras                       | 3 297 768        | 40,3         | 2 353 369         | 13,3         | 5 883 404         | 23,2         |
| <b>Total de Pentecostais</b> | <b>8 179 665</b> | <b>100,0</b> | <b>17 733 477</b> | <b>100,0</b> | <b>25 370 484</b> | <b>100,0</b> |

Fonte: (IBGE, apud JACOB et al., 2013, p. 15).

A Igreja Universal do Reino de Deus, criada em 1977 no Rio de Janeiro transformou-se na década de 90, o símbolo de crescimento dentre as igrejas pentecostais. De 269 mil fiéis, em 1991, ela chegou a um total de 2,1 milhões em 2000, o que representa um aumento de 1,8%. O crescimento acelerado na década passado arrefeceu-se em 2000 e 2010, com a redução de seus seguidores em quase 230 mil conforme o IBGE (2010). O que singulariza a Igreja Universal, apesar que as outras também miram o mesmo objetivo, é sua presença marcante nas principais capitais brasileiras como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, Belém e Manaus, conjugado com a posse de um verdadeiro império dos meios de comunicação como rádio e televisão.

Prandi (1996) destaca que o sucesso da igreja é resultado da estratégia empreendedora de seus bispos, que investem num estilo agressivo em busca de adeptos, tendo como base a propaganda produzida numa linguagem simples, não obstante os seus pastores terem baixa ou nula formação teológica. O cerne da pregação, conforme o autor acima, é a expulsão do demônio que atormenta o fiel em sua subjetividade e no mundo social, e a teologia da prosperidade. O núcleo dessa teologia baseia-se numa relação de reciprocidade ou quase matemática do homem com Deus. A prosperidade do fiel, o que se compreende o conjunto de bênçãos como libertação dos males e melhoria na vida socioeconômica, depende da quantidade de oferta que dispõe a entregar a igreja na pessoa de seu pastor. A confiança do “dar e receber” que não deixa de ser uma subversão do adágio franciscano, para os fiéis envolvidos nessa lógica da esperança da riqueza, é símbolo de sucesso econômico tendo na ponta final o agenciador dos negócios que é o próprio Deus.

[...] Quanto mais se dá para Deus, mais se recebe, e isso não é mera retórica. São inúmeras as estratégias e os jogos operados pelos pastores nos cultos para a extração do dinheiro. O ato de dar o dinheiro, com a certeza que ele vai voltar, acrescido, é um gesto do investidor. Para os crentes de negócio, [...] a nova religião oferece possibilidades de progresso mais ambicioso: é possível fazer de Deus um sócio nos negócios e prosperar sem limites. (PRANDI, 1996, p. 270).

A teologia da prosperidade tem o seu *locus* de origem os Estados Unidos na década de 50 e 60, conhecida originalmente com o nome de *Health and wealth gospel*, e difundiu-se pelo Brasil a partir do final da década de 70. Essa nova interpretação bíblica foi criada com o objetivo de adaptar os fiéis protestantes a realidade do mundo moderno e ajudá-los a usufruir dos bens materiais sem drama de consciência. O seu núcleo é que o mundo foi

criado por Deus, e Ele é Senhor do ouro e da prata. Aquele que tiver fé e buscá-lo poderá ascender socialmente e gozar de boas condições materiais e de saúde. De acordo com Mariano, citado por oro (1996), a exaltação da vida material mundana como promessa divina e pouco enfatizando a salvação após a morte, rompe com a tradição do cristianismo. E ademais, a valorização da felicidade terrena, saúde e poder subverte temas tradicionais bíblicos como o sofrimento, mensagem da cruz, martírio e auto sacrifício. É uma teologia que representou para os pobres uma solução para a superação dos infortúnios sociais e materiais, e para os ricos uma forma de legitimar o seu modo de vida cercado de fortuna e fruição dos bens materiais.

A única aproximação entre a teologia da prosperidade e a tese weberiana está na afinidade eletiva com o espírito do capitalismo. Conforme Weber (2013) a dedicação inteiramente ao trabalho, e a abnegação da fruição da vida, pregado pelo protestantismo calvinista, favoreceu o enriquecimento de certos países da Europa, sobretudo, pela sintonia da ética protestante com o espírito do capitalismo. A pregação das igrejas, de certo modo induz a confiança e a esperança de que o capitalismo proporciona prosperidade, desde que se dedique ao trabalho. O que os distanciam é que os calvinistas apesar de buscarem a posse econômica intencional não comportavam a ideia de fruição de bens materiais, porque tinham as suas vidas fundamentadas numa ética ascética. Os neopentecostais ao contrário, efetuam um verdadeiro afrouxamento da ética ascética, porque não basta a busca proposital da riqueza material é preciso desfrutá-la como sinal de benção, destaca oro (1996).

Prandi (1996) alerta que para esses pobres e marginalizados, a religião oferece apetrechos culturais e psicossociais para enfrentar a vida principalmente nas grandes cidades. O inconveniente dessa relação igreja e fiel é que na percepção que a vida mudou, uma vez que agora é um novo converso, o seu comportamento passa a ser controlado pelos pastores.

Além de um discurso distante da realidade social ou então, entender que somente a partir da crença em Deus pode se encontrar as respostas e soluções para as mazelas sociais e políticas, com isso contribuindo para a despolitização e o desapareço pelas lutas sociais, uma outra questão dos pentecostais e neopentecostais que entrava a convivência, principalmente com aqueles que professam ou admitem convicções religiosas diferentes é o problema do fundamentalismo.

#### 4 FUNDAMENTALISMO DAS IGREJAS PENTECOSTAIS

As diferenças múltiplas nas quais defrontamos no convívio social como as de gênero, étnicas, culturais, posicionamento ideológico, de crenças e outros, não podem significar entraves para uma convivência pacífica entre as pessoas. Ao contrário, a diversidade expressa pela sociedade reflete a riqueza cultural do homem que se manifesta em diferentes instancias sociais, políticas, religiosas e outros.

Nem sempre o diferente nos encanta. Muitas vezes ele nos assusta, nos desafia, nos faz olhar para a nossa própria história, nos leva a passar em revista as nossas ações, opções políticas e individuais e os nossos valores. Reconhecer as diferenças implica em romper com preconceitos, em superar as velhas opiniões formadas sem reflexão, sem o menor contato com a realidade do outro. (GOMES, 2003, p. 3).

Dentre as questões discutíveis no mundo pentecostal, dentre outros, é o denominado fundamentalismo, que afinal não tem origem propriamente neles, e que se encontra em outras grandes religiões como o islamismo, judaísmo e o cristianismo na sua versão católica. Boff (2009) destaca que o fundamentalismo não é uma doutrina, mas a forma de interpretar e viver a doutrina conferindo-lhe caráter absoluto, e a recusa as interpretações, com isso distanciando das possibilidades de adequar o texto conforme as exigências e transformações históricas. Atitude essa, que impede de manter a verdade essencial atualizada e em consonância com os novos tempos. A consequência do fundamentalismo são os conflitos e agressões gerados por não aceitar a verdade do outro. É entender que suas crenças são únicas, revestidas de sentido absoluto e que o outro se encontra nas trevas do erro e da ignorância.

É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga as continuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista. (BOFF, 2009, p. 25).

Em consonância com o conceito acima, Panasiewicz (2007) destaca que a mentalidade fundamentalista recusa a interpretação porque a considera um risco a manutenção da integridade da verdade original. Por isso, é mais importante guardar a letra da doutrina do que compreender ou fazer vivificar o seu espírito.

O que define a prática fundamentalista em termo religioso é a sua referência ao livro. O fundamentalismo caracteriza por quatro elementos essenciais:

- a) o princípio da inerrância, segundo o qual o livro sagrado não contém erros e que, portanto, deve ser assumido em sua integralidade;
- b) princípio da astoricidade, que afirma que a mente humana não tem condições para interpretar o livro sagrado; e
- c) o princípio da superioridade que determina que a lei divina é superiora a lei humana. (PACE; STEFANI apud PANASIEWICZ, 2007)

O fundamentalismo é uma reação à modernidade, principalmente ao espírito crítico, a consciência autônoma e histórica do indivíduo. A transformação no contexto histórico proporcionou a criação de métodos exegéticos destinados a leitura e compreensão dos textos bíblicos. Até o período da reforma protestante no século XV, a bíblia era vista como livro sagrado, e isento de quaisquer erros.

Os teólogos conservadores protestantes americanos no intuito de se defender quanto a leitura crítica bíblica moderna, oriunda da teologia liberal que adotava o método histórico crítico na interpretação dos textos, e ainda, da onda liberalizante no campo da moral, das teoria evolucionistas e do humanismo secularizante, adotaram alguns pontos expressos na Bíblia considerados dogmas de fé, e não sujeitos a interpretação como a reafirmação da divindade de Cristo, o seu nascimento virginal, redenção universal, ressurreição, segunda vinda, pecado original e outros. Essas ideias foram defendidas no início do século XX, e teve o apoio de fazendeiros e homens do petróleo como Lyman Stewart fundador da Union Oil company que temiam uma interpretação bíblica mais social, próximo das ideias comunistas, e além do mais, ansiava por uma identidade bíblica ao estilo americano. (GALINDO,1995).

Dentre as várias implicações do fundamentalismo, uma delas, além de cercar-se de uma certeza absoluta, é a dificuldade de reconhecer o outro nas suas diferentes convicções, e cegar-se as mudanças históricas ao intentar transpor situações e contextos descritos nos textos sagrados a realidade atual, provocando anacronismo e uma visão paralisante da história.

Expressando acerca do fundamentalismo das igrejas pentecostais e neopentecostais, Pierucci (2004) afirma que elas, apesar de demonstrarem um liberalismo no campo estético e no uso das tecnologias para animar o culto, são extremamente fundamentalistas na leitura da Bíblia. Segundo o autor, há um apego à palavra revelada como a única verdade isenta de quaisquer erros humanos, cabendo, portanto, tão somente, uma leitura literal.

Outros aspectos do fundamentalismo é a tendência em separar as pessoas no sentido de distinguir-se das demais, impondo a concepção de que os outros estão expostos ao mundo do erro, ou não fazem parte dos eleitos. É impossível negar, porém, que, no Brasil, diversas igrejas pentecostais são abertas, tanto nas periferias das grandes cidades, como em regiões de favelas, e nos centros urbanos, e que os líderes dessas igrejas que assumem o púlpito não possuem formação adequada, como os conhecimentos sobre exegese bíblica e de ciências sociais, e, com isso, incorrem na manipulação ou instrumentalização do texto bíblico, aplicando-o, conforme seus interesses políticos ou ideológicos. E certamente, a leitura literal, ofusca a beleza dos textos bíblicos com seus diversos gêneros literários, o contexto de sua criação e suas questões sociais e políticas ali presente. E mais grave do que isso é que, além de desconectar o texto do seu contexto, exigem que seus fiéis vivam tal como o ambiente cultural bíblico, favorecendo um anacronismo cultural e a perda da percepção da dinamicidade da vida e da história humana. Portanto, esse apego à leitura literal, explica, também, uma das dificuldades em se estabelecer diálogo franco e aberto com as demais crenças, entre elas, as de origem africana.

Conforme os antropólogos e sociólogos, as crenças são elementos culturais e referências e sinais de identidades dos indivíduos, porque elas se originam das suas relações históricas e sociais. Negar ou discriminar é não compreender que a variedade e multiplicidade das crenças decorrem de fatores sociohistóricos, e que ninguém tem a verdade absoluta, e que todas essas crenças se originam das mesmas inquietações, como o sentido da existência, o porquê da morte e do sofrimento. A atitude de combate e de negação das convicções do outro pode provocar a crise de identidade, o rompimento dos laços de pertencimento e a perda de sentido existencial. Conforme Geertz (1989), as crenças representam as disposições morais, a visão de mundo, o estilo e o sentido da vida.

Conviver com a diversidade implica romper com a zona de conforto, e compreender a mística do outro, como as crenças dos afrodescendentes que contribuíram para a evolução social e cultural do Brasil.

## **5. RELIGIÃO AFRO-BRASILEIRA – UMBANDA E CANDOMBLÉ**

A religião afro-brasileira, representada pela Umbanda e o Candomblé, teve seu nascedouro no nordeste do Brasil, mas na atualidade se encontra espalhada por todas as regiões do país, principalmente no sudeste e no sul. Para sobreviver no país em que a única religião tolerada e aceita como fonte básica de legitimação social era a católica, as religiões africanas dos orixás tiveram que mesclar nos ritos e cultos de seus ancestrais elementos e práticas oriundas do catolicismo. O sincretismo religioso vinha acompanhado da obrigação de identificar-se e comportar-se como católico, o que servia como meio de evitar a perseguição dos órgãos oficiais e de manter viva as suas tradições religiosas. “Desde o início as religiões afro-brasileiras se fizeram sincréticas, estabelecendo paralelismo entre divindades africanas e santos católicos, adotando o calendário de festa do catolicismo, valorizando a frequência aos ritos e sacramentos da Igreja católica” (PRANDI, 2004, p. 225).

A proibição e a opressão foram práticas que não ficaram restritas à época imperial, mas mantidas mesmo depois da Proclamação da República, quando o catolicismo deixou de ser religião oficial do Estado. Prandi (2004) ressalta que as dificuldades em obter um conhecimento mais preciso sobre os seguidores das religiões afro-brasileiras se devem às condições históricas de perseguição. Soma-se a isso um novo contexto que se descortina na atualidade, representado pela difusão das igrejas pentecostais e neopentecostais, que colocam como ponto central de sua pregação o combate sem trégua às religiões de origem africana. Para os pentecostais o demônio, com sua astúcia e crueldade conforme descrição bíblica, encontra-se materializado nos terreiros e nos seguidores dessas religiões.

O desafio para as crenças africanas na atualidade, na concepção de Prandi (2004), se estrutura em dois pontos centrais: primeiro, como manter viva as convicções religiosas, diante de um enfrentamento externo; e, segundo, que estratégia adotar diante das exigências e necessidades impostas pela concorrência no mercado religioso. A desvantagem das crenças afro-brasileiras, se comparadas às demais, como as religiões pentecostais ou mesmo a igreja católica, se caracteriza pela sua própria constituição. É

uma religião de caráter mágico, em que o poder se concentra nas mãos da mãe ou pai de santo, cada qual autônomo em seu terreiro, e sem ter um poder superior que os represente ou busque respostas frente aos desafios da concorrência. As federações de Umbanda e Candomblé, que supostamente uniriam os terreiros, não funcionam, pois não existe uma autoridade acima do pai ou mãe de santo. Ademais, salienta, o autor, que os laços de solidariedade entre os terreiros são frágeis, pois eles competem entre si e não dispõem de uma ajuda ou de apoio dos órgãos públicos, não têm uma visão empresarial e nem são donos ou fazem uso dos meios de comunicação de massa, como é notável entre os evangélicos. Muitos dos terreiros desaparecem com o falecimento do pai ou mãe de santo, pelas disputas de sucessão, ou então pelo fato dos herdeiros do finado chefe não terem interesse em dar continuidade à comunidade religiosa.

Entre as duas religiões afro-brasileiras, a Umbanda chegou a ser considerada na década de 1960 como aquela que melhor encarnava a identidade nacional, por integrar em seu panteão religioso elementos da cultura africana com seus orixás e espíritos encarnados, e personagens típicos da cultura brasileira, como caboclos, boiadeiros e índios, como afirma Pierucci (2004). Na atualidade, a umbanda passa por um período de crise e redução de seus membros. No final do século XX, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2001), a redução dos seus devotos chegava a quase cem mil, enquanto que o Candomblé teve um acréscimo superior a trinta mil adeptos.

O candomblé por sua vez, passa por um processo de africanização que, em outras palavras, significa o fortalecimento da identidade através do reaprendizado das línguas africanas, da mitologia e da restauração das cerimônias vivenciadas pelos ancestrais. Para a Umbanda, que é mais sincrética que o Candomblé, a situação é mais delicada, pois um processo de não sincretismo visando uma pureza de identidade a desfiguraria, se retirados os cânticos, as preces e as invocações a Jesus e aos santos católicos. A ancoragem nos elementos católicos serviu de guarida e continua indispensável na sua constituição, mas por um lado inverso é um problema devido ao declínio por que passa o catolicismo. As críticas direcionadas ao catolicismo pelos pentecostais nos meios televisivos e nos cultos atingem a religião afro-brasileira, sobretudo a umbanda, devido à similaridade de elementos culturais com o catolicismo.

A convivência com a diversidade religiosa, característica da sociedade brasileira, constitui um dos entraves dos pentecostais, sobretudo em questões decorrentes das tradições das agremiações religiosas, dos seus símbolos e ritos e de suas dispares formas de

relacionar com o sagrado.

## **6 IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS (IURD) E A CONVIVENCIA NA DIVERSIDADE**

Como sabemos, no Brasil, apesar da presença dominante do Catolicismo em toda a sua extensão territorial, até mesmo em regiões mais distantes e de difícil acesso, convive com a existência de outras diferentes convicções religiosas, com seus múltiplos ritos, doutrinas, concepções de mundo e formas de referenciar o sagrado.

É condição para uma convivência mútua fundamentada na paz e na harmonia entre essas múltiplas crenças, a adoção do princípio do diálogo, do espírito de compreensão livres de quaisquer estereótipos e estigmas históricos naturalizados pelo tempo e materializados nas mentes e consciências de formas, por vezes, irrefletidas.

Em sua reflexão sobre a paz mundial, Küng (2001) ressalta, que as possibilidades de ocorrência de convivência pressupõem o diálogo entre as diversas crenças, pois, os conflitos, mesmo em micros regiões e até em escala mundial, além dos fatores econômicos, têm por base o caráter religioso. E sem deixar de salientar que os líderes das inúmeras convicções religiosas, pelo seu papel moral e influência social, podem auxiliar na construção da paz, ainda que permeada pelas diferenças.

Indiferente às posturas mundiais enveredadas em busca da paz, e pelas decisões da Organização das Nações Unidas (ONU), que em sua Declaração Universal dos Direitos Humanos datada de 10 de dezembro de 1948, estabeleceu em seu artigo XVIII que:

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948, p. 6).

Nesse sentido, a Constituição Brasileira de 1988, no seu artigo 5º parágrafo VI, expressa que: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;” (BRASIL, 1988)

No entanto, apesar das posturas e olhares sobre o lidar com as diferenças, convivemos, ainda, no território nacional, com discriminação, conflitos e estereótipos entre as diversas opções religiosas. E hoje, com a expansão das igrejas neopentecostais,

sobretudo a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), o discurso dela se volta, preferencialmente, contra o catolicismo, as religiões africanas e o espiritismo kardecista.

Com referência aos preconceitos e as discriminações às crenças africanas, temos que entender as questões históricas, e, mais que isso, o contexto socioeconômico dessas igrejas pentecostais, que chegaram ao Brasil, no final do século XIX, provenientes do sul dos Estados Unidos, de áreas de colonização, segregação racial e de trabalho escravo. As atividades religiosas e pastorais dessas igrejas, como a Metodista Episcopal, Congregacional do Brasil e outras, sobretudo no Rio de Janeiro, ficaram restritas aos brancos e intelectuais, desconsiderando a grande parcela da população negra.

[...] prática do preconceito e discriminação do negro e de tudo que diz respeito a sua cultura chega também ao Brasil por meio dos protestantes norte-americanos que vieram do sul dos Estados Unidos. Por ser essa uma área de grande concentração de negros que durante o processo de colonização serviram como mão de obra escravizada nas lavouras, assim como ocorreu no Brasil, muitos desses líderes já tinham, por prática, a segregação racial. Lidar, então, com essa questão, na América do Sul, não seria problema algum. (ALMEIDA ARAUJO; SANTOS 2017, p. 52)

Os poucos que se posicionaram contra a discriminação, o trabalho escravo e a demonização das crenças africanas, não interferiram na situação de vida dos negros. Para os missionários protestantes os problemas que envolviam os negros eram de responsabilidade do governo, e que seu trabalho consistia somente na conversão, integração e educação dentro da cultura protestante.

Para além das questões históricas, Mariano (2007) ressalta, que os ataques às igrejas africanas estão relacionados à interpretação dualística da Bíblia de que o mundo seria regido por duas forças: uma propiciadora do bem representada por Deus, que liberta e salva, e outra maléfica representada pelo demônio. Essa concepção de forças antagônicas da teologia pentecostal está alicerçada no Antigo Testamento, especificamente no livro de Gênesis (Gn 3,1-24) que relata a expulsão de Adão do paraíso motivada pelo pecado denominado original, e também, no Novo Testamento, na carta de Paulo aos Romanos (Rm 5,12), na qual se esclarece que por um só homem entrou o pecado no mundo, e por um só homem veio a salvação, além de outras narrativas descritas nos evangelhos que destacam a luta de Cristo dominando as forças do mal.

Para as igrejas neopentecostais, e no caso específico, a IURD - a que mais combate as demais crenças, principalmente nos meios televisivos e nos cultos - os diversos males que afligem a vida do homem, como toda a espécie de doenças e as mazelas sociais, são

provenientes da ação demoníaca, e que encontra respaldo, sobretudo, no espiritismo, termo que abrange o kardecismo e os cultos afro-brasileiros.

Mariano (2007) ainda aponta que o pastor Edir Macedo não deixa dúvida, ao afirmar que, no Brasil, os demônios se apossam das pessoas, através da participação direta ou indireta em rituais em centros espíritas, por meio de “trabalhos”, despachos, ingestão de comidas sacrificadas a ídolos e pelo envolvimento com praticantes do espiritismo. Segundo esse posicionamento, se o cristão não se converter verdadeiramente e não se mantiver vigilante, pode sucumbir às forças do mal.

Expressando especificamente sobre a IURD, Campos (2010), em sua tese de doutorado em 1996, ressalta a sua dificuldade em classificá-la nas suas formas tradicionais, como fenômeno religioso e cultural. Segundo ele, se fosse manter a separação tradicional entre religião e comércio, fé e negócio, ou organização religiosa e empresa produtora e distribuidora de bens, ela inseriria em todas. Por isso, optou em conceituá-la como empreendimento religioso.

Se fôssemos manter a separação tradicional entre religião e comércio, fé e negócio, ou organização religiosa e empresa produtora e distribuidora de bens, também a IURD poderia se encaixar em todas elas. Optei em minhas pesquisas pelo termo “empreendimento religioso” [...] (CAMPOS, 2010, p. 27).

E ademais, o autor acima faz uso de três metáforas para descrevê-la, como templo, teatro e mercado. A respeito da primeira metáfora, o templo é o local onde ocorre o cenário dos ritos religiosos, com forte apelo emocional, que sobrepõe as relações entre mágico e clientela. Como teatro, é o lócus de dramatização da religião, com cenas de cura e exorcismo. E sobre o último, mercado, é onde ocorre as trocas simbólicas advindas do monopólio religioso, católico, protestante tradicional e pentecostal, e eu diria, africano, com novas regras e ressignificações.

No tocante as trocas simbólicas, Campos (2010) ressalta que a IURD desenvolve um trabalho de manipulação e assimilação de objetos usados em outras crenças, como óleo, fogo, água, pão, terra e sal descrito acima, como também o imaginário religioso do brasileiro, provenientes do pluralismo e da religiosidade popular, e nesse caso, se alarga as pentecostais, e aqui destaca-se, o medo das forças do mal, o demônio, as utopias, a confiança no poder do exorcismo, a ideia do ambiente e dos objetos energizados, como a água e mantos sagrados, próprio dos kardecistas e a convicção de que o mundo é o local da batalha espiritual.

[...] a IURD possui vários traços que sugerem ser ela uma nova expressão do pentecostalismo “clássico” (surgido nos EUA, no início do século XX). Porém, ela também apresenta uma notável continuidade com formas mágicas e de religiosidades populares presentes no catolicismo popular, nos cultos afro-brasileiros, no kardecismo, e até em certas expressões do protestantismo tradicional. Essa face da IURD levou alguns a pensar que se trata de uma manifestação religiosa pós-protestante e pós-pentecostal. (CAMPOS, 2010, p. 28).

Além da apropriação dos símbolos tradicionais das demais crenças, o autor acima, acrescenta outros fatores que explicam o sucesso e o crescimento da IURD, como as estratégias de *marketing* e investimento nos meios de comunicação, e as explicações religiosas sintonizadas com os desejos e as necessidades prementes da população, sobretudo as decorrentes das crises econômicas, como desemprego, dificuldades financeiras, e os problemas de ordem médicas, como as doenças físicas e psíquicas. Conforme Campos (1999) a agilidade e a flexibilidade em adaptar-se a um mercado religioso pluralista e concorrencial, e a sociedade capitalista globalizante, e sem se excusar-se de uma teologia não sistematizada, mas fundada na oralidade e de forte cunho emocional, explica o sucesso do crescimento e de sobrepor as demais instituições religiosas, principalmente as pentecostais, e as neopentecostais, as protestantes históricas, católicas, afro-brasileiras e outras.

Conforme o autor acima, a teologia da IURD, se articula ao redor de quatro pontos fundamentais, a centralidade do corpo, libertação das influências negativas, curas e sucesso material.

[...] IURD se articula ao redor de quatro pontos fundamentais : centralidade do corpo, pois ela prega a recuperação do corpo e não o seu desprezo platônico ; exorcismo de maus espíritos e libertação de suas influências negativas ; cura como sinônimo de salvação e prosperidade na vida ; e sucesso material como comprovação da presença de Deus na vida do crente [...] ( CAMPOS,1999, p. 10).

Mariano (2010) por sua vez, evidencia outros fatores que incidem sobre a expansão das igrejas pentecostais e neopentecostais em meados do século passado. A separação entre o Estado e a Igreja garantiu a liberdade religiosa, e a inserção de novos grupos no país, contribuindo assim, para o pluralismo e a legitimidades das denominações. No plano social destaca-se a explosão da violência e da criminalidade urbana, as altas taxas de pobreza, a elevada proporção de lares monoparentais, chefiadas por mulheres pobres, a precariedade dos trabalhadores no mercado de trabalho, sobretudo informal, as práticas

da religiosidade popular de cunho mágico, e o elevado número de católicos não praticantes, tem facilitado o trânsito religioso e o trabalho evangelístico entre essas populações.

Diante das situações prementes da vida, o autor acima salienta, que os chamativos da IURD sintonizam com as agruras do povo, como “Pare de Sofrer: nós temos a solução”

Apesar do seu vultoso crescimento, principalmente entre as camadas mais pobres e médias, no meio urbano, regiões metropolitanas e nas pequenas cidades, o desafio imposto a IURD, e que são concernente as múltiplas denominações pentecostais, seria conforme descreve Mattos (1999) o personalismo, culto aos líderes religiosos, irrompendo daí uma espécie de imaturidade religiosa, o estímulo ao espírito individualista, onde cada fiel vai em busca de seus projetos e objetivos pessoais, a convicção de que a riqueza e o sucesso seria benção de Deus, e com isso, desconhecimento talvez, que os graves problemas sociais e econômicos, tem natureza política e decorrem da ação do Estado. E mais do que isso, o desafio da IURD, é atentar-se para a convivência harmoniosa e amistosa para com as diferentes convicções religiosas. O clima de ataques e desrespeito as diferenças, de certo modo, traem o princípio fundamental do cristianismo, que é a paz e o amor desinteressados a todos, e ainda, incute nas pessoas a insegurança, medo, negação e a desconfiança em face de suas identidades religiosas.

Durante o período da pesquisa de campo desenvolvida para a dissertação de mestrado numa escola pública de Belo Horizonte, essa concepção de medo, negação e discriminação dos educandos provenientes de famílias de cultos afro-brasileiro, ficou muito patente nos diálogos informais e nas entrevistas gravadas. Para os educandos, sobretudo os de origem pentecostais, a crença africana é sinônimo do mal, da ação do demônio, e da realização da macumba.

Você falou religiões africanas, eles acham que faz maldade. Tudo pra eles é maldade. Tem relação à maldade que tem... Quem não tem religião ou quem frequenta religiões africanas é uma pessoa má. E quando você vai ensinando, vai mostrando as coisas, eles falam: “que legal professor, eu não sabia”. Aí eles ficam um pouco assim com a descoberta e cai aquele preconceito. (Prof. Francisco).

Nessa escola pesquisada, era comum a realização de células, isto é, encontros de alunos evangélicos para a realização de orações e leituras bíblicas. Um aluno relatou que uma colega de crença africana desejou trazer para dentro do ambiente escolar membros de sua crença, mas foi impedida.

[...] no ano passado fiquei sabendo de uma menina que ela era do candomblé. Só porque queria realizar culto na escola, que até pararam com as células. Por que ela falava que se pode ter culto de evangélicos e católicos porque não pode ter da Umbanda também. Aí foi por isso que parou as células. [...]. (Aluno Dalton)

Conforme a professora de Ensino Religioso, os alunos procedentes de cultos africanos são negados em suas identidades no ambiente escolar, e que isso acarreta conflitos identitários e prejudica seu desempenho escolar. E esses preconceitos são aprendidos na convivência e na participação com suas famílias nos cultos de suas igrejas.

Para além do microespaço escolar, a sociedade é constantemente bombardeada com programas televisivos, livros e jornais para disseminar as crenças neopentecostais, e para combater as possessões não só nos terreiros, mas também, na vida dos seguidores da crença africana.

De acordo com Caputo (2012) a intolerância e a aversão à diversidade têm promovido ódio e ataques aos terreiros, e trazido dificuldades a seus membros, sobretudo, os filhos de pais e mães de santos para manifestarem, publicamente, as suas convicções religiosas nas ruas e nos âmbitos escolares.

Com referência à crença católica, as críticas são direcionadas, sobretudo, ao culto aos santos, às imagens, à devoção a Maria, ao celibato dos padres entre outros. Conforme o depoimento de um líder religioso do candomblé, o que ocorre é a desmoralização da religião católica e da afro-brasileira, visando não apenas a convencer as pessoas, mas veicular a ideia de que são donos da verdade. E, com isso, persuadi-los a rejeitar sua religião de origem.

[...] não só a religião do candomblé, como também, da umbanda, a igreja católica, enfim há muitos aí que usam, de certas religiões, é... protestantes e querem esculhambar a religião católica, e o espiritismo. Então eles usam a igreja católica e espiritismo para servir, de crítica para detonar, para conseguir virar a cabeça das pessoas, para levar para suas igrejas evangélicas. [...] existe muita discriminação. Primeiro que eles não respeitam, segundo eles criticam desfazem, os templos religiosos, os cultos afro da matriz africana. Eles querem detonar, a umbanda, desfazem de tudo, e querem realmente serem donos da verdade. (Pai Joao do Obaluaê).

Na história do homem, conviver com as diferenças culturais ou religiosas, foi sempre permeado de indiferença, recusa e tentativa dos povos de se colocarem como centro e possuidores da verdade. Lévi-Strauss (1989) descreve que essa tentativa já aparecera na Grécia antiga, quando se denominava bárbaros os não gregos e, na

modernidade, quando a Europa se considerava o centro do mundo, o fenômeno do eurocentrismo.

Sem a compreensão da diversidade das crenças, com seus ritos, fórmulas, doutrinas, objetos sagrados e outros aspectos, fica difícil estabelecer um diálogo profícuo, em busca de uma convivência harmoniosa. E, sem a supressão dos preconceitos e dos estereótipos, é impossível se inserir no mundo do outro, principalmente, das crenças africanas que trazem como herança a marca da perseguição e da negação.

Além do exposto, podemos citar como grande desafio das igrejas pentecostais, neopentecostais, e sobretudo a IURD, que se destaca no ataque as demais denominações religiosas, seria a formação dos seus líderes ou pastores, no sentido de evitar a interpretação literal da bíblia, ou o fundamentalismo, a instrumentalização dos textos sagrados e a percepção de que a sociedade é plural. E, sobre essa última afirmativa, é fundamental compreender que o pluralismo das crenças não significa limitação ou imperfeição na relação com o sagrado, até porque, nenhuma crença esgota o mistério do sagrado. As diferenças estão relacionadas com os fatores culturais e históricos, e a verdade está diretamente relacionada com a concepção e a construção cultural de cada povo. Abrir-se à diversidade, é contemplar as utopias, a beleza e a riqueza das múltiplas formas que o homem encontra na relação com o Ser de sua crença.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável a diversificação religiosa no Brasil, e ao mesmo tempo é urgente e necessário estimular um espírito de convivência na diferença, para que as múltiplas feições religiosas não sejam vistas, pelos que não professam as mesmas crenças como *outsiders*, mas como produto genuíno brotado do coração humano que busca se afirmar e reconhecer-se, e construir utopias libertadoras no sentido de amenizar as agruras próprias de sua condição, como ser limitado e desejoso de transcendência.

Um aspecto importante dentre as religiões principalmente, as consideradas como da palavra escrita, é que o apego a doutrina e ao texto sem o contexto, e a devida interpretação, visando responder as exigências da sociedade contemporânea, inviabiliza não apenas o fortalecimento do sentido para aqueles que nela militam como impede a construção de diálogo com os diferentes.

Dialogar inclusive na possibilidade da construção e manutenção de uma paz entre as religiões, não significa romper com suas tradições ou convicções herdadas e transmitidas por gerações, mas buscar pontos comuns que os unem e partilhá-los como sementes geradas nas relações com o outro e com o transcendente. Talvez por aí estaria um caminho não de desconfiança, mas de aceitação mútua e convivência pacífica.

Religião não comporta conflitos, guerras e nem mortes, porque tais atitudes contradiz o próprio conceito da crença que antes de mais nada, visa a ligação ou religação do homem com o transcendente. Na concepção das religiões sobretudo as cristãs, ou de raízes cristãs, a ideia de Deus emana amor e paz entre os seus.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jurandir de Araújo; SANTOS, Deyse Luciano de Jesus. Religião e Educação: o posicionamento das igrejas cristãs protestantes em relação às questões dos negros no Brasil. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**. Florianópolis, v. 14, n.3, set a dez. 2017.

ANTONIAZZI, Alberto. **Por que o panorama religioso no Brasil mudou Tanto**. São Paulo: Paulus, 2004.

ATOS DOS APOSTOLOS. *In: Bíblia*. Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

BOFF, Leonardo. A religião como fonte de utopias salvadoras. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 05 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2017/>>. Acesso em: 05 abr.2017.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, terrorismo, religião e paz: desafio para o século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Senado, 1988. Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça (...). **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 out. 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 13 jul.2019.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **A Igreja universal do reino de Deus, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa)**. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo, SP. 1999. Disponível em:[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/ENSINO\\_RELIGIOSO/artigos2/igreja\\_universal.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINO_RELIGIOSO/artigos2/igreja_universal.pdf). Acesso em: 14 jul. 2019. Acesso em: 13 jul. 2019.

CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro. *In: Revista USP*, São Paulo, n. 67, set./nov. 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. IURD: teatro, templo e mercado. *In: Revista do Instituto Humanistas Unisinos - IHU*. Pentecostalismo no Brasil. São Leopoldo, v.10, 329, p. 26-29, 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3213-leonildo-silveira-campos-2>. Acesso em: 13 jul.2019.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros**: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CECCHETTI, Élcio. Diversidade religiosa e currículo escolar: presença, ausência e desafios. *In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO*, 9., 2012. Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/2012/>. Acesso em: 04 jan. 2017.

DEUTERONÔMIO. *In: Bíblia*. Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

GALINDO, Florêncio. **O fenômeno das seitas fundamentalistas**. Petrópolis: Vozes, 1995.

GEFFRÉ, Claude. A crise da identidade cristã na era do pluralismo religioso. **Concilium: revista internacional de teologia**, Petrópolis, n. 311, p.13-28, maio 2005.

GÊNESIS. *In: Bíblia*. Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 1989.

GOMES, Nilma Lino. Educação e diversidade étnico-cultural. *In: NOGUEIRA, Marise et al. Diversidade na educação reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Carta encíclica 'Fides et ratio'**: sobre as relações entre fé e razão. 2. ed. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000**: características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default\\_censo\\_2000.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/default_censo_2000.shtm). Acesso em: 23 jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**: características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 07 jan. 2017.

JACOB, Cesar Romero *et al.* **Religião e território no Brasil 1991-2010**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2013.

- KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.
- LUCAS. *In: Bíblia*. Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.
- MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios**. 15. ed. Rio de Janeiro: Universal, 2004.
- MALAQUIAS. *In: Bíblia*. Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, ciência e religião**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MARIANO, Ricardo. Pentecostalismo em ação: a demonização dos cultos-afro-brasileiros. *In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007.
- MARIANO, Ricardo. O pentecostalismo no Brasil, cem anos depois. Uma religião dos pobres. *In: Revista do Instituto Humanistas Unisinos - IHU*. Pentecostalismo no Brasil. São Leopoldo, v. 10, n.329, p. 5- 7, 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao0329.pdf>. Acesso em:13 jul.2019.
- MATOS, Alderi S. de. Pentecostalismo: traços históricos. *In: Revista do Instituto Humanistas Unisinos - IHU*. Pentecostalismo no Brasil. Cem Anos, São Leopoldo, v. 10, n. 329, p. 8 -11, 2010. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3207-alderi-souza-de-matos>.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Nova York: DUDH, 1948. Disponível em: <http://www.dudh.org.br/>. Acesso em: 6 jun. 2019.
- ORO, Ari Pedro. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, São Paulo: Paulinas, 2007.
- PIERUCCI, Antônio Flavio. Bye, Bye, Brasil: o declino das religiões tradicionais no censo 2000. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.52, p.17-18, set. /dez. 2004.
- PRANDI, Reginaldo. As religiões, a cidade e o mundo. *In: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo (orgs.). A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: HUCITEC, 1996a.
- PRANDI, Reginaldo. Religião paga, conversão e serviço. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 45, p. 65-77, jul. 1996b.
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado Religioso. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 223-239, set./dez. 2004.

ROMANOS. *In: Bíblia*. Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. Pluralismo religioso. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 27-32, 1º Sem. 2005.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2013. 301 p.

*Recebido em: 15.04.2019*  
*Aprovado em: 02.08.2019*